

FLAUSINA, DA DOMINAÇÃO MASCULINA À TRANSGRESSÃO LIBERTADORA NO CONTO “ESSES LOPES”

Maria Stella Galvão Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

[\(stellag@uol.com.br\)](mailto:stellag@uol.com.br)

Resumo

No conto “Esses Lopes” (*Tutaméia*, 1967), Guimarães Rosa nos apresenta uma construção ficcional que emula a realidade de muitas mulheres sertanejas pobres: a submissão ao patriarcado detentor de poder. A construção ficcional apresenta-se, portanto, nesta perspectiva, como produto da dominação masculina de que trata Pierre Bourdieu (2009) em livro homônimo. Logo, nos propomos a fazer uma leitura sociológica dos modos como o poder patriarcal é combatido na trama do conto. Flausina, a narradora personagem, é forçosamente levada à vida marital com uma sucessão de homens da mesma família que vão morrendo sucessivamente, tornando-a finalmente dona dos seus quereres. O caminho da libertação passa por práticas que podiam configurar crimes, mas Rosa não estabelece juízo de valor. Flausina elimina toda uma sucessão de homens da família Lopes, em uma resistência sem freios frente a um destino de sujeições. Golpeia o patriarcado com armas – ervas e porções – da sabedoria popular.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Conto; “Esses Lopes”; Dominação masculina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Maria Stella Galvão Santos

Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (1985) e em Letras Língua Espanhola e Literaturas (2022), ambos pela UFRN, é mestre em Estudos da Linguagem - Literatura Comparada (PPgEL-UFRN, 2022), mestre em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2007), e doutora em Educação (PPgED-UFRN, 2018), com doutorado sanduíche pela Universidade de Valencia, Espanha (2016.1). É especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP, 2002) e em Bioética pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP, 2008). É doutoranda em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN), área de Estudos em Literatura Comparada, e licencianda em Filosofia (2024.1). Pesquisa os temas: Conto fantástico, Literatura Hispano-americana, Barroco Literário, Sofistas. Integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Ponte Literária Hispano-brasileira" e do Projeto de Pesquisa "Estudo de obras barrocas e neobarrocas da literatura ibero-americana sob a perspectiva da poética sincrônica".



lattes.cnpq.br/0873683956042522



orcid.org/0000-0003-1974-7692

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

FLAUSINA, DA DOMINAÇÃO MASCULINA À TRANSGRESSÃO LIBERTADORA NO CONTO “ESSES LOPES”

Maria Stella Galvão Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

(stellag@uol.com.br)

INTRODUÇÃO

O conto “Esses Lopes” é parte integrante do volume *Tutaméia, terceiras histórias* (1967/2009), última obra publicada pelo escritor mineiro João Guimarães Rosa. O livro compõe-se de 40 contos e três prefácios que pretendem explicar a incursão do autor por novos experimentos de linguagem. Para orientar o leitor, Rosa cita o filósofo Schopenhauer na epígrafe sumário: “Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra” (ROSA, 2001, p. 5).

Décimo conto da primeira parte do livro, “Esses Lopes” apresenta em três páginas a narrativa em primeira pessoa de Flausina, jovem pobre de um interior sertanejo brasileiro, cuja desventura principia pelo encontro com os quatro homens da família Lopes. Eles vão se sucedendo na vida da garota a princípio simples e ingênua, submetendo-a a várias sortes de humilhação e abusos, em um crescendo de violência que coincide com o amadurecimento experimentado por Flausina, seu posicionar-se no mundo e naquela dura realidade que a leva a urdir sua libertação obtida graças à eliminação de cada um daqueles homens. Entendemos, então, que o conto de Guimarães Rosa se abre à análise sociológica de Pierre Bourdieu (2009) e outros autores que problematizam os efeitos crônicos do patriarcado em uma região carente de recursos e sujeita à dominação masculina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

“MÁ GENTE, DE MÁ PAZ”

O conto é narrado em primeira pessoa por Flausina, retirada muito cedo da casa dos pais e obrigada a enfrentar homens que são descritos como abrutalhados, como na frase que abre o conto: “Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas” (ROSA, 2001, p. 81). O primeiro parágrafo principia por subverter a estrutura tradicional. Nele, Flausina reflete sobre um triste passado deixado para trás, agora livre, “meu gosto agora é ser feliz” (*idem*). Ela se empodera, liberta do jugo daqueles que a oprimiam – “Quero falar alto” (*ibidem*). O que ficou para trás, celebra a personagem, “foi arremedando e esquecendo” (*ibidem*).

No parágrafo seguinte, aparece um hábil artifício do escritor para articular diferentes noções de tempo na narrativa. Para tanto, utiliza uma frase para demarcar a reminiscência atual do relato propriamente dito, e que fará a seguir, da estória de Flausina. “Mas, primeiro, os outros obram a história da gente” (*ibidem*).

Então, se conhece o desdobramento de uma menina vestida de flores, de família pobre – “Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro”? (*ibidem*) – que teria preferido se chamar Maria Miss. Era linda, como se descreve, com uma pintinha preta na alvura do queijo, e logo atrai a atenção do primeiro varão da linhagem dos Lopes.

[...] E veio aquele, Lopes, chapéu grandão, aba desabada. Nenhum presta; mas esse, Zé, pior, rompente sedutor. Me olhava: aí eu espiada e enxergada, no ter de me estremecer. A cavalo ele passava, por frente de casa, meu pai e minha mãe saudavam, tomava; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. A gente tem é que ser miúda, mansa, feito botão de flor. Mãe e pai não deram para punir por mim. (ROSA, 2001, p. 82)

ECOS SONOROS DO PATRIARCADO BRASILEIRO

O modo como os Lopes estão descritos faz crer que provêm de uma região qualquer dos sertões brasileiros sujeita aos desmandos de líderes políticos, os coronéis, e seus descendentes. Como refletido por Lira e Barros (2015, p. 276), a história da família no Brasil tem como base o patriarcado, contexto no qual o homem se arvorava como “dono” da mulher. “Na sociedade patriarcal, o pai tinha todo o poder sobre a família. E assim, com o casamento, a mulher deixava de ser “posse” do pai para ser do marido. E com tanto poder, o homem podia tudo contra a mulher, inclusive violentá-la”.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Como se depreende da investida do primeiro Lopes, os pais não se insurgem contra o interesse do homem pela jovem filha. Ao contrário, a estimulam. Trata-se, afinal, de gente graúda, em oposição aos miúdos desprovidos de bens e poder como se via os da família da moça.

Como dito por Bourdieu (2009), a força da ordem masculina está patente no fato de ela dispensar justificação, estruturando a ordem social como uma poderosa máquina simbólica que atribui modos de ser e fazer aos homens – o ambiente público, os mercados – e às mulheres – a casa, os lugares íntimos, reservados. Essa dinâmica impregna, portanto, as relações do par forjado sob a égide da dominação masculina: O sociólogo observa que, se a relação sexual estabelecida entre um casal se apresenta como uma relação social de dominação, “é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo como desejo de posse”. (BOURDIEU, 2009, p. 31)

“CALEI MUITOS PRANTOS”

No conto, esta proposição teórica vai ao encontro do relato da protagonista na seguinte passagem: “O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Aguentei aquele caso corporal” (ROSA, 2001, p. 82). Flausina aparece, na narrativa, como uma jovem mulher a quem se lhe impõe seguidas violências, a começar pelo salto de etapas no ato de um homem cortejar sua noiva. “Eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja” (*ibidem*).

Teria Guimarães Rosa, neste conto, traduzido uma construção social costumeira – em relação ao sertão – na literatura brasileira do período? Claramente o fez, a julgar por uma característica inerente a este escritor, como explicado por Roncari (2004, p. 20), ao atribuir a Guimarães Rosa a habilidade de traduzir nossos costumes privados, das alcovas aos salões, “procurando integrar a eles também os da vida pública, o que deu à sua ficção também a dimensão de uma representação do país, e muito mais realista do se poderia supor”.

Diferentemente da escrita operada na obra celebrada, o romance “Grande Sertão Veredas”, no qual se veem homens híbridos, sem sobrenomes de família e tradição (*ibidem*, p. 33), no conto “Esses Lopes” a procedência familiar, hierárquica, já comparece no título. A configuração da herança patriarcal brasileira observada por Roncari (2004) no citado romance rosiano também é pautado no tratamento da temática do amor. No caso do conto objeto de nossa análise, o amor brutalizado, obtido à força de barganha por parte dos detentores de poder.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

VIRILIDADE COMO REFERENTE DE PODER

Nesta perspectiva, o historiador Albuquerque Jr. (2013) cita um movimento ocorrido no Nordeste brasileiro para resgatar um passado patriarcal, em resposta à emergência, na terceira década do século XX, de uma sociedade com viés matriarcal. “Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, teria garantido a predominância econômica e política desta área, no país. Era preciso resgatar o patriarcalismo como ordem social” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 150). E não apenas relacionada ao modelo familiar ou de relação entre sexos. O princípio da divisão entre gêneros – para usar o termo adotado na atualidade – evidencia relações de dominação inscrita tanto em termos objetivos como subjetivos, sob a forma de esquemas cognitivos, como aponta Bourdieu (2009, p. 20): “A virilidade [...], princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável da virilidade física, através das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante *etc.*”.

Flausina faz referências continuadas a esta modalidade de relação opressiva, elencando frases que reverberam seu padecer no convívio marital com tal sorte de homem. “Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam. Esses Lopes! — com eles, nenhum capim, nenhum leite” (ROSA, 2001, p. 82).

A figura da mulher como uma posse do homem, que empreende os meios para torná-la mercê dos seus caprichos, aparece na descrição de uma senhora destacada para acompanhar o ir e vir de Flausina, naturalmente reclusa entre as paredes da casa: “Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, Si-Ana. Entendi: a que eu tinha de engambelar, por arte de contas; e à qual chamei de madrinha e comadre. Regi de alisar por fora a vida. Deitada é que eu achava o somenos do mundo, camisolas do demônio” (*ibidem*). É o relato de uma mulher vigiada, vivendo sob suspeição, privada da liberdade de ir e vir. E a sutil reversão do tradicional termo para nomear mulheres dos rincões longes das cidades – *sinhá* –, no conto agregando foneticamente uma partícula apassivadora.

O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO

E então, ainda nesta página (82), tem início o processo que Vera Novis (1989) chamará de momento de mudança crucial nos personagens de todos os 40 contos de *Tutaméia*, livro publicado por João Guimarães Rosa apenas três meses antes do seu falecimento, ocorrido em novembro de 1967. “Essa transformação tem sempre uma direção ascendente, e, portanto, um sentido positivo, de passagem de um estado de carência para um estado de plenitude, ou de ‘completamento’” (NOVIS, 1989, p. 26).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ainda segundo esta autora, o tema nuclear de *Tutaméia* é o da aprendizagem, “que pressupõe uma fase difícil, a iniciação. As estórias narram o percurso dos personagens que, partindo da ignorância, chegam ao conhecimento, da aflição à paz, do erro à verdade” (*ibidem*, p. 27). É um processo, ainda segundo esta crítica, da ordem da transubstanciação e da transformação alquímica (*ibidem*). É, ainda, uma maneira de legitimar o estratagema pensado e colocado em prática para permitir à personagem refundar sua trajetória de vida.

Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antonio Candido escrutina esta interseção sob diferentes aspectos. Para o crítico, considerada isoladamente, a função social do texto literário não se vincula aos propósitos conscientes do autor e menos ainda do modo como os leitores irão ler. É uma decorrência da própria natureza da obra, “da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão. Mas, quase sempre, tanto o artista quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra” (CANDIDO, 2006, p. 54). Desta maneira, se pode depreender que o escritor busca alcançar uma dada finalidade, ao tempo em que o leitor espera que ele lhe descortine certo aspecto da realidade. Este jogo de criação e recepção conforma a função ideológica da obra, “que pode ser formulado como ideia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu” (*ibidem*). No caso dos contos de *Tutaméia*, o diálogo com a realidade é estabelecido desde o recorte de uma jovem sertaneja submetida a formas de opressão na vida íntima e doméstica, condição esta que encontra eco em uma parte da sociedade brasileira.

SUBVERSÃO DO JUGO

Flausina, portanto, articula os meios para sua libertação do jugo dos Lopes. Ela nos conta como aprendeu a ler e escrever, e como iniciou-se nas artes do dinheiro. “Fiz que quis: saquei malinas lábias [...] Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser bondoso: - ‘Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro...’ Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo” (ROSA, 2001, p. 82). Atende, portanto, a uma forma particular de lucidez que assoma os que se encontram oprimidos, na literatura e na vida, como dito por Bourdieu (2009, p. 42): “Várias pesquisas puseram em evidência “a perspicácia peculiar dos dominados, sobretudo das mulheres: mais sensíveis aos sinais não verbais que os homens, sabem identificar uma emoção não representada verbalmente e decifrar o que está implícito em um diálogo”.

A metáfora do homem imiscuído na vida de Flausina, como uma erva daninha, em Guimarães Rosa vira “daninhagem”, algo que se assemelhava, como dito pela personagem, a alguém “parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava?” (ROSA, 2001, p. 83).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Uma das características marcantes nos contos de *Tutaméia* são as frases interrogativas, as metáforas peculiares, os anacolutos e as elipses verbais, como quando a personagem detalha o seu processo de imersão na leitura e escritura, plano de voo bem pensado para escapar à sina de mulher submissa. “Tracei as letras. Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida. Isso principiei – minha ajuda em jornais de embrulhar e mais com as crianças da escola. E dê-cá dinheiro” (*ibidem*).

Flausina, determinada, inventa histórias como a de que a mulher encarregada de vigiá-la se travestia de alcoviteira. Logo, o primeiro Lopes entraria na linhagem de desaparecidos por meio do manuseio de ervas evitadas ou celebradas como recurso venenoso. Práticas bebidas na sabedoria popular para manusear ervas não exatamente daninhas, mas com potencial para um dano mais potente. “Virei cria de cobra. Na cachaça, botava sementes de cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó timbó e saia-branca” (*ibidem*). Práticas como as relatadas pela personagem de “Esses Lopes” são representativas, conforme Bourdieu (2009, p. 43), “de todas as formas de violência não declarada, quase invisível por vezes, que as mulheres opõem à violência física ou simbólica exercida sobre elas pelos homens, e que vão da magia, da astúcia, da mentira ou da passividade”.

Passividade que, no caso, funcionava como um ardil para o projeto de escapar àquela sina. Guimarães Rosa situa esta personagem como alguém subjugada, mas que em nenhum momento deixa de refletir – enquanto toma providências práticas –, sobre possíveis rotas de fuga da situação que vivia. Também a constrói como alguém ciente de que suas práticas poderiam infligir as leis correntes, ainda que não o admita. Após o relato das ervas malsinadas lançadas ora à cachaça ora ao café do marido abusador, Flausina comenta que o fazia “só para arrefecer aquela desatada vontade, nem confirmo que seja crime” (*ibidem*).

“SEM MUITO CUSTO, MORREU”

No segundo prefácio que assina em *Tutaméia*, o crítico Paulo Rónai assim descreve o enredo, atento à ironia urdida pela antítese que atravessa as páginas deste conto rosiano: “‘Esses Lopes’ é a estória, também contada pela protagonista, de um clã de brutamontes violentos que perecem um após outro, vítimas da mocinha indefesa a quem julgavam reduzir a amante e escrava”. (RÓNAI, 2001, p. 27). De fato, o primeiro que pereceu não mereceu uma lágrima sequer da mocinha: “Com o tingui-capeta, um homem se esmera, abranda. Estava já amarelinho, feito ovo que ema acabou de por. Sem muito custo, morreu” (ROSA, 2001, p. 83). O relato permeado pela indiferença prossegue com a protagonista descrevendo as tarefas pós-enterro: varrição da casa e cisco atirado à rua. Ato contínuo, nova investida dos que portavam aquele sobrenome:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

“E os Lopes me davam sossego?” (*ibidem*)

O assédio de outros dois membros da família, “tesos”, metáfora claríssima do desejo sexual, resultará em novo matrimônio provavelmente com a urgência do primeiro. Flausina classifica de “pintadas feras” o primo e irmão do falecido. Sertório é o nome do novo marido, consagrando uma metáfora poderosa do sexo abusador, sem meneios nem preliminares. “Inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro em casa. Padeci com jeito. E o governo da vida? Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça e picar fininho a couve” (ROSA, 2001, p. 84). Com este teve dois filhos, juntou mais dinheiro e até experimentou “finuras novas – somente em jardim de mim, sozinha. Tomei ar de mais donzela” (*ibidem*). Efetivamente, as práticas da personagem consagram a dissimetria fundamental entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, como apontado por Bourdieu (2009, p 55): “O dispositivo central é o mercado matrimonial [...]: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas”. Deste ponto de vista, portanto, Flausina não fazia mais que cobrar sua parte em uma situação a que foi levada contra a sua vontade.

Nicão, o outro pretendente do clã, era mantido por perto. “Sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável” (*ibidem*). A mulher trata, então, de estimular paulatinamente a competição entre os dois parentes unidos pelo sobrenome. O duelo se apresenta, então, como consequência inescapável e ambos morrem depois de enfrentar-se a tiros e ferros. Flausina monta toda a cena para fazer-se uma mulher que perdeu marido e parente, gerando consternação e aprovação dos circunstantes. “Inconsolável chorei, conforme os costumes certos, por a piedade de todos: pobre, duas e meio três vezes viúva” (*ibidem*). Liberdade para nossa heroína transgressora? Ainda não.

Agora haveria uma boda de verdade, exigência de viúva, desta feita com um quarto Lopes, Sorocabano, mais velho e também dono de fortes propriedades. A protagonista não se faz de rogada ao comentar o fascínio que exercia nos homens desta linhagem. “Me viu e me botou na cabeça. Aceitei, de boa graça, ele era o aflitinho dos consolos” (ROSA, 2001, p. 84). Esperta, a mulher sabia que havia pouca estrada para aquele “velhoco”, como o qualifica. O método de eliminação adotado desta vez, e levado a termo, consistia em oferecer-lhe “gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas” (*ibidem*).

A metamorfose experimentada pela personagem feminina é ressaltada na abertura do conto, e arrematada após o caudaloso relato dos padecimentos e da volta por cima, sem qualquer responsabilização pelas mortes, todas aparentemente normais, acidentais ou incidental. Agora viúva, rica, independente e cheia de amor para dar a um jovem amante – “podia ser mãe dele”, Flausina confirma um viés surpreendentemente aberto de Guimarães Rosa enquanto escreve sobre amores e seus revezes, como já fizera com Diadorim e Riobaldo em *Grande Sertão Veredas*.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos que compõe a coletânea *Tutaméia* foram publicados em um jornal da área médica, *Pulso* (Rio de Janeiro), entre 1965-1967, dois dos quais vieram a público anos antes no jornal *O Globo*. Pouco mais de meio século após a publicação, *Tutaméia* é considerada uma das obras máximas da contística nacional por agregar uma estilística inovadora e plena de sentido, característica de uma escrita, como afirmado por Bosi, marcada pelas invenções do autor. “Guimarães Rosa foi mestre na passagem do fato bruto ao fenômeno vivido, da descrição à epifania, da narrativa plana à constelação de imagens e símbolos” (BOSI, 1975, p. 11).

Alçada por alguns críticos contemporâneos à condição de obra prima da produção literária de Guimarães Rosa, considerando a estilística primorosa, o uso transbordante de figuras de linguagem e também a estrutura textual inovadora face à produção anterior do escritor, ela mesma marcada pela inovação. Assomam neste conto, ainda, o não dito, as inversões frasísticas, as supressões, perguntas lançadas a esmo entre parágrafos e uma estrutura que principia pela conclusão, retomada ao final do conto.

Conforme Perrone-Moisés (1999), o último livro lançado por Guimarães Rosa teve inicialmente uma péssima recepção por parte da crítica literária da época, que considerou os 40 contos desta obra seminal ora sérios, bizantinos, ora artificiais. Nas décadas seguintes a genialidade da escrita de *Tutaméia* foi amplamente reconhecida, como ela pontua: “Ora, qualquer análise mais atenta dos contos deste volume revela a infinidade de sentidos que o escritor condensou em cada um deles, a riqueza significativa de seus achados e suas invenções verbais, só aparentemente gratuitas” (PERRONE-MOISÉS, 1999, p. 385).

No contexto desta obra, portanto, o conto “Esses Lopes” se destaca pela originalidade da abordagem, em termos de estilística textual, pela estrutura de construção da narrativa, com diferentes planos temporais, mas, essencialmente, pela composição de um retrato íntimo, no interior de uma casa em algum rincão do país, onde o relatado é parte indissociável de uma circunstância social e familiar especialmente perversa para as mulheres.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo”. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2013.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006.

LIRA, Kalline F. S.; BARROS, Ana Maria de. Violência contra as mulheres e o patriarcado: um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Revista Ágora**, Vitória, n. 22, pp. 275-297, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Orientalismo e Orientação num Conto de Guimarães Rosa. *In*: SEIXO, M. A.; LABORINHO, A. P.; MEIRA, M. J. (Orgs.) **A vertigem do Oriente** - modalidades discursivas no encontro de culturas. Lisboa: Cosmos - Instituto Português do Oriente, 1999.

RÓNAI, Paulo. As estórias de Tutaméia (prefácio). *In*: **Tutaméia**: terceiras estórias. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**: terceiras estórias. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

**FLAUSINA, FROM MALE DOMINATION TO LIBERATING
TRANSGRESSION IN THE SHORT STORY *ESSES LOPES***

Maria Stella Galvão Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

stellag@uol.com.br

ABSTRACT

In the short story “Esses Lopes” (*Tutaméia*, 1967), Guimarães Rosa presents us with a fictional construction that emulates the reality of many poor country women: submission to the patriarchy that holds power. From this perspective, the fictional construction presents itself as a product of the male domination described by Pierre Bourdieu (2009) in his book of the same name. We therefore set out to make a sociological reading of the ways in which patriarchal power is combated in the plot of the story. Flausina, the narrator character, is forced into marital life with a succession of men from the same family who die in succession, finally making her the master of her own desires. The path to liberation passes through practices that could constitute crimes, but Rosa doesn't pass judgment. Flausina eliminates a whole succession of men from the Lopes family, in an unbridled resistance to a fate of subjection. She strikes the patriarchy with weapons - herbs and potions - of popular wisdom.

Keywords: Guimarães Rosa; Shortstory; “Esses Lopes”; Male domination.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

FLAUSINA, DE LA DOMINACIÓN MASCULINA A LA TRANSGRESIÓN LIBERADORA EN EL CUENTO *ESSES LOPES*

Maria Stella Galvão Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

stellag@uol.com.br

RESUMEN

En el cuento “Esses Lopes” (*Tutaméia*, 1967), Guimarães Rosa nos presenta una construcción ficcional que emula la realidad de muchas mujeres pobres del campo: la sumisión al patriarcado que detenta el poder. Desde esta perspectiva, la construcción ficcional se presenta como un producto de la dominación masculina descrita por Pierre Bourdieu (2009) en su libro homónimo. Por lo tanto, nos propusimos hacer una lectura sociológica de las formas en que se combate el poder patriarcal en la trama de la historia. Flausina, el personaje narrador, se ve forzada a la vida marital con una sucesión de hombres de la misma familia que mueren sucesivamente, convirtiéndola finalmente en dueña de sus propios deseos. El camino hacia la liberación pasa por prácticas que podrían constituir delitos, pero Rosa no juzga. Flausina elimina a toda una sucesión de hombres de la familia Lopes, en una resistencia desenfrenada a un destino de sometimiento. Golpea al patriarcado con armas - hierbas y pociones - de sabiduría popular.

Palabras-clave: Guimarães Rosa; Cuento; “Esses Lopes”; Dominación masculina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------